

Relatório Final

Reflexão sobre os conteúdos abordados nas aulas

A noção de Antropologia Bíblica, na sua diversidade pela abordagem interdisciplinar e na complementaridade criada pela integração das múltiplas abordagens, abre-nos horizontes que nos conduzem e proporcionam uma análise do texto bíblico, respeitando as culturas e as literaturas que estão na sua base.

Daí a conceção do mundo se concentrar não só no que o compõe (o solo, a água, as pedras, as plantas, os animais, os seres humanos), mas também na sua origem – a criação divina; por isso, a centralidade do sagrado, na interpretação do mundo. Todavia, não podemos afastar o profano nessa interpretação, realidade que nos chama a atenção para a necessidade de nos afastarmos do contexto envolvente, para entrarmos no sagrado. São vários os relatos encontrados no Antigo Testamento que nos apelam para este ‘deixar para trás’ o que nos envolve, de forma a podermos ‘voar’ até Deus e a Ele nos abriremos.

Compreendemos, então, que os espaços sagrados nos oferecem oportunidade para descansar, para procurarmos proteger-nos das ‘agitações’ do mundo, para nos abriremos a ser purificadas(os) e assim renovarmos o nosso ser, a nossa forma de estar e a relação com Deus e, conseqüentemente, com o próximo. Na ótica de Limas da Silva (2020), “o espaço sagrado é o centro, a realidade, enquanto o profano é a periferia, o desconhecido”. Todavia, Jaluska (2016) afirma que “os espaços sagrados (...) podem ser também espaços da natureza, como rios, montanhas, árvores, entre outros, que, por meio de um processo de simbolização humana, ganham atributos de pura abstração”. Há, pois, que conciliar estes dois enfoques.

Como seres humanos que somos, o nosso ‘eu’, a nossa relação com o ‘outro’ e a nossa integração num dado ‘contexto’ levam-nos, por vezes, a perdermos a essência do ‘eu’ como filhas(os) de Deus. O espaço sagrado é essencial para nos abriremos a Deus, para com ELE comunicarmos, para nos libertarmos do egoísmo e de pensarmos só em nós. Essa libertação nos permite seguir os mandamentos que Jesus nos deixou – (i) amar a Deus acima de tudo e de todas as coisas e (ii) amar o próximo como a nós mesmos. No relato de Mateus (22: 37-39), lemos: “Respondeu Jesus: ‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento’. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’.”. Portanto,

(...) enriquecidas pelas vivências narradas, possamos responder ao apelo de olhar à nossa volta, de mergulhar no nosso íntimo, de partilhar as nossas reflexões (...) e, animadas pelos exemplos com que somos apresentadas, encontrar o caminho que nos leva a servir a Deus e ao próximo. (Lamas, 2016)

É nos espaços sagrados que Deus se manifesta; eles levam-nos a subir ao alto das montanhas e a nos sentirmos mais próximos do céu, afastados da agitação, localizados em montanhas, em lugares elevados. As cavernas são também espaços que, pelo isolamento, nos incitam a ouvir Deus. Estando libertas(os) das agitações sociais, atentas(os) a Deus, concentramo-nos e a Ele nos abrimos, ouvimos a Sua Palavra, escutamos os Seus desafios, enchemo-nos do Seu ânimo e a Sua sabedoria nos abre possibilidades de construirmos o conhecimento que precisamos para vivermos de acordo com os Seus mandamentos.

As árvores grandes, pela sua estatura, pelo tempo alargado que duram, pela sua forma de se erguerem para o céu, desafiam-nos também a elevarmo-nos a Deus. Por sua vez, as águas,

que correm fortes, chamam a nossa atenção pelo som que a sua movimentação enérgica provoca e que nos leva a 'voar' até à criação divina. No tabernáculo, sendo um espaço em movimento, sempre com a presença de Deus, acontecem as ordenanças ao sacerdócio (dedicação, intimidade com Deus e serviço ao próximo) e os encontros para ensinar as verdades eternas sobre o plano de salvação (oportunidade de superar o pecado, caminho para a vida eterna).

Os tempos difíceis pelos quais o ser humano passa, como o exílio, as guerras, os conflitos, as doenças, as perdas de pessoas próximas, são constrangedores. Embora por vezes estes tempos nos levem a desistir da vida, a maior parte das vezes, são momentos que nos reerguem e nos aproximam de Deus, induzindo-nos a n'Ele procurar a força que precisamos para vencer os obstáculos, as dificuldades. Seja em que condições for, seja em que locais for, Deus nos apela, nos ajuda. Na sinagoga, congregadas(os) por vezes com culturas diferentes, com grupos sociais diferentes, ao ser humano era oferecida a oportunidade de se envolver e a Deus louvar e suplicar a Sua misericórdia, reerguendo-se e seguindo em frente.

Jesus é sempre, para nós, um exemplo que nos incentiva a caminhar, procurando a verdade na Sua palavra. Assim, podemos constatar nas palavras de Ribeiro (2026, Aula 3, Slide 4):

Jesus Cristo nasceu em uma gruta (caverna), foi batizado no rio Jordão (água sagrada), foi tentado pelo demônio em uma montanha (montanha sagrada), andou sobre o mar (água sagrada), sentou-se no poço e se identificou com a água viva que desceu dos céus (água sagrada), foi recebido na entrada de Jerusalém com folhas de palmeira (árvore sagrada), e foi enterrado no túmulo cavado na rocha (caverna sagrada) cuja entrada estava bloqueada por uma pedra grande (pedra sagrada). Sua ressurreição é marcada pelo túmulo vazio (caverna sagrada e a sua ascensão aos céus se dá num monte (montanha sagrada).

Jesus não só nos leva ao encontro com o Pai, como nos incentiva a levarmos a boa nova ao mundo tal como os mandamentos, que nos deixou – amar a Deus e amar o próximo. É, pois, o 'espaço sagrado' que nos proporciona a oportunidade de experimentar a presença do Deus Uno e Trino nas nossas vidas e, iluminadas(os) pelo Espírito Santo, a de avançarmos com as missões que nos são confiadas.

Respondendo ao apelo de Deus, contribuímos para que a Revelação de Deus seja uma Revelação Geral que se manifesta nas diferentes culturas e na natureza (montanha, caverna, pedra, árvore, água, seres vivos), suscitando os sentidos (visão, olfato, audição, emoção) que nos permitem recolher dados do contexto, senti-los e integrá-los no todo do nosso ser. A presença divina no nosso ser potencia a relação profunda e consolidada da criação em toda a sua amplitude, sendo nós parte dela. Thompson (Fuller Magazine, June 12, 2020) reconhece o valor dos espaços sagrados:

Even before we attach meaning and memories to place, we experience place first through the body.² We move back and forth, left and right. We respond to light and dark. We look up and around. We visualize and access God through practices that allow our souls to hear, see, smell, taste, and touch God. Sacred spaces are containers of our spiritualities. They facilitate an attending to the inner life through embodied spiritual practices.

O percurso de Jesus faz d'Ele a 'nova montanha sagrada', uma vez que é reunindo-se com Ele, seja onde for, que os apóstolos se encontram com Deus. É de manter presente que a 'gruta' tem também o seu valor na vida de Jesus na terra – o nascimento numa gruta e a colocação do Seu corpo numa gruta 'o santo sepulcro'. A vitória sobre a morte é a promessa de uma nova vida; a vida de Jesus é símbolo de regeneração de nova vida; seguir os passos de Jesus é o caminho para abandonar as trevas do erro e caminhar em direção à luz. Assim sendo,

(r)estará em nós a proximidade que sentimos pela fé e pela acção de Deus em nós e através de nós! (...) a Proximidade verdadeira, sincera, sentida e que implica grande responsabilidade de todos: a Proximidade de Deus. Lembra que Deus se aproximou de nós em Cristo, que Cristo se aproximou de nós pela sua acção, que o Espírito Santo continua o Seu grande patrocínio de aproximação, que uma das missões mais importantes da Igreja é aproximar os povos e fazê-los sentir tudo o que em Cristo Senhor temos em comum. (Cerqueira, 2012)

Concluindo, recorro ao texto de Eclesiastes (3: 1-15), em que o *kronos* é presentificado; nesta passagem, o *kronos* remete para o tempo humano que nos faz agir na história – a *cronologia da vida do ser humano*. Um outro tempo se nos afigura – o *Kairos* (Marcos 1:15, Gálatas 4:4, 6:10, 2 Coríntios 6:2); nestas passagens, o Apóstolo Paulo refere o tempo de Deus na história do ser humano, exortando-nos a conhecer esse tempo divino. Para conhecer o tempo de Deus, há que parar na nossa azáfama do dia-a-dia, no nosso *kronos*, para O escutarmos e podermos ‘entrar’ no Seu tempo, para podermos partilhar a intemporalidade. Há, portanto, que nos libertarmos da escravidão do *kronos* e procurarmos a liberdade do *Kairos*; há que nos libertarmos da azáfama preconizada pela figura de Marta e pararmos como Maria faz, diante de Jesus para O ouvir, para O ungir (Evangelho de Lucas, 10: 38-42).

Kairos e Khronos

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo
para todo o propósito debaixo do céu
Eclesiastes 3: 1

Kairos e Khronos são para o ser humano
a essencialidade da vida
as excedências da vida

Kairos e Khronos (entre)cruzam-se
pela (in)temporalidade
pela (im)perceptibilidade

Kairos e Khronos confrontam-se
pela (des)continuidade
pela (in)consistência

Kairos e Khronos complementam-se
pelo impacto produzido
pela reacção provocada

Kairos e Khronos contrariam-se
pela eternidade e através dela
pela efemeridade e através dela

Kairos e Khronos consentem
o livre arbítrio do ser humano
a escolha do caminho a percorrer

Lamas (2023, p.103)

Cerqueira, J. M. (2012). Prefácio do Caderno 5: Proximidade – *O Amor de Deus em acção*. Aveiro, Oficina Digital.

Jaluska, T. T. (2016). *Espaços sagrados: o patrimônio cultural como instrumento educativo*. Anápolis, Revista Plurais – Virtual - Go, vol.6, n. 2

Lamas, E. P. R. (2016). *Retiro de Espiritualidade da FMM*. Vila Nova de Gaia: Centro de Espiritualidade do Monte da Oração.

Lamas, E. P. R. (2ª ed 2023). *Retalhos de uma vida*. Aveiro, Oficina Digital.

Limas da Silva, J. R. (2020). *Lugar sagrado: espaço de construção de territorialidades*. SciELO Preprints.

Ribeiro, L. M. P. (2026). *Os Espaços Sagrados no Novo Testamento*. Aulas proferidas no curso on-line “Antropologia Bíblica – Espaços Sagrados”. Lisboa: ULHT.

Thompson, M. M. (2020). *Building God in Estranged Spaces: The Practice of Sacred Spaces in Contemporary Society*. Fuller Magazine.